
A contribuição do jornalismo científico produzido nas universidades públicas para o acesso ao conhecimento científico de qualidade ¹

Carla de Oliveira TÔZO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é identificar e compreender como se configura o jornalismo científico produzido pelas universidades públicas e como essa produção contribui para o aumento do acesso à informação científica de qualidade. Para isso realizamos entrevistas com roteiro semiestruturado com 15 jornalistas de 12 instituições: UFPA, UFS, UnB, Unemat, Uerj, UFU, USP, Unicamp, Unesp, Unifesp, UEL, UFSC. A partir das respostas, observamos que ao realizar esse tipo de jornalismo, as universidades públicas preenchem lacunas deixadas pela grande mídia na cobertura desse tema, contribuindo assim para a valorização da universidade, da ciência e do próprio jornalismo, além de combater a desinformação científica.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo científico; universidades públicas; desinformação científica.

1. INTRODUÇÃO

Durante a pandemia de Covid-19 houve uma revalorização importante do jornalismo, em especial o produzido pelos meios de comunicação tradicionais, mas também o jornalismo realizado pelas universidades públicas, foco deste artigo. Tornar pública questões relevantes ligadas à ciência tem papel central nas sociedades, particularmente no contexto das democracias, da cidadania, do direito à informação e do desenvolvimento da própria ciência.

Para isso, a divulgação científica é fundamental. Bueno (2010) explica que a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos como programas de rádio e televisão, jornais, revistas e sites para a veiculação de informações científicas ao público leigo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA USP), jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: carla.tozo@usp.br. Bolsista CAPES.

Muitos jornalistas e pesquisadores da área, aliás, defendem que uma das maneiras mais efetivas da divulgação do conhecimento científico para a população em geral é através do jornalismo (BURKETT, 1990; KOVACH e ROSENSTIEL, 2004), em especial, o jornalismo científico. Cornu (1994), inclusive, afirma que a missão geral da imprensa é informar o cidadão para que este seja capaz de formar a sua própria opinião.

Para Bueno (1985) o conceito de jornalismo científico deve, obrigatoriamente, incluir o de jornalismo ao apropriar-se das características expostas pelo jornalista e pesquisador alemão Otto Groth (1875-1965): atualidade (fatos ou pessoas ligados direta ou indiretamente com o momento presente), universalidade (abrange as diferentes áreas do conhecimento), periodicidade (ritmo de produção e publicação de materiais) e difusão (circulação do conhecimento para o coletivo).

Assim, jornalismo científico, cuja tradução vem da expressão em inglês *scientific journalism* ou do espanhol *periodismo científico* diz respeito ao processo de circulação de informações de ciência, tecnologia e inovação para uma audiência não qualificada (público leigo) que obedece ao sistema de produção jornalística (BUENO, 2022).

[...] O Jornalismo Científico cumpre uma série definida de objetivos e funções, que podem ser resumidos em: a) veicular fatos e informações de caráter científico e tecnológico que permitem ao cidadão comum estar em dia com o que acontece no universo da C&T&I e b) propiciar o debate sobre o impacto da ciência, da tecnologia e da inovação no mundo do trabalho, na economia, na cultura, na sociedade e no cotidiano das pessoas. (Bueno, 2022, p.34)

Além disso, é importante lembrar que o cenário político recente foi bem controverso, o que, conseqüentemente, impactou diversos setores da sociedade, pois o ex-presidente Jair Bolsonaro era declaradamente contra a ciência, a universidade pública, a educação, a cultura, a imprensa livre, entre outras áreas do conhecimento e das artes.

Segundo dados do Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (SIOP), os recursos para custear as universidades federais, por exemplo, caíram de R\$ 8,1 bilhões, em 2019, para R\$ 4,4 bilhões, em 2022. (SMAILI, MINHOTO, ARANTES, SoU Ciência, 2022).

Todo esse contexto também contribuiu para a ampliação da propagação de desinformações científicas, principalmente na pandemia da Covid-19, mesmo que a questão já fosse alvo de atenção e preocupação por parte da comunidade científica.

Por isso, a grande questão/objetivo desse artigo é identificar e compreender como se configura o jornalismo científico produzido pelas universidades públicas e como essa produção contribui para o aumento do acesso à informação científica de qualidade.

A ideia levantada é que a ciência é uma pauta encontrada no jornalismo realizado nas universidades públicas porque permite a ampliação do acesso à informação científica dentro e fora da instituição. Nesse sentido, acredita-se que ao realizar esse tipo de jornalismo, as universidades públicas preenchem lacunas deixadas pela grande mídia na cobertura desse tema, contribuindo assim para a valorização da universidade, da ciência e do próprio jornalismo.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para detectar se e como esse jornalismo científico tem sido praticado é preciso ouvir as instituições, razão pela qual optou-se por pesquisa qualitativa (MARTINO, 2018; ALVES-MAZZOTTI, 2001) e de natureza básica (teórica) em que propomos discussões e o aprofundamento de conceitos.

Na pesquisa qualitativa em Comunicação lidamos com interpretações e análises. Não buscamos a “verdade” de uma interpretação, mas coerência entre perguntas, evidências e conclusões. [...] (MARTINO, 2018). Ela não visa apresentar dados generalizáveis, mas sim explicar um fenômeno ainda não conhecido em um determinado contexto ainda pouco estudado e, para isso, o pesquisador vai a campo para “captar” o fenômeno.

Este artigo parte da pesquisa bibliográfica (GIL, 1999; ALVES-MAZZOTTI, 2001) em busca do conhecimento já existente sobre jornalismo científico (BUENO, 1985, 2010, 2018, 2022; BURKETT, 1990), desinformação (GELFERT, 2021; IRETON e POSETTI, 2019), para, assim, identificar e compreender como se dá o jornalismo científico produzido dentro das universidades públicas (federais e estaduais) em diferentes regiões do Brasil. Também utiliza a técnica de entrevista (THIOLLENT, 1980; DUARTE, 2005; LAGE, 2001).

A entrevista permite tratar de diversos e complexos temas que dificilmente poderiam ser investigados em profundidade através de questionários. “O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos.” (Duarte, 2005, p. 63).

Academicamente, as entrevistas são definidas como estruturada, semiestruturada e não estruturada. As entrevistas com roteiros semiestruturados em comparação com as entrevistas estruturadas facilitam o processo de obtenção de informações, ou seja, em função de sua flexibilidade, permitem ao pesquisador incluir e excluir determinadas questões ou ainda efetuar alterações na ordem das questões, em virtude das respostas obtidas.

No entanto, Thiollent (1980), por exemplo, deixa claro que ao escolher suas técnicas de investigação, como uma entrevista, há objetivos e distorções existentes. Ao citar Bourdieu, o autor faz uma crítica metodológica no sentido da falsa neutralidade das técnicas, já que é preciso considerar os valores do cientista e suas opções conscientes de escolha. É necessário fazer uma autocrítica, considerar que há mecanismos ideológicos na concepção dessas técnicas³.

Jornalisticamente, Lage (2001) classifica as entrevistas do ponto de vista dos objetivos (ritual, temática, testemunhal, em profundidade) e quanto às circunstâncias de realização (ocasional, confronto, coletiva, dialogal). O objetivo da entrevista em profundidade (mesma nomenclatura usada por Duarte, 2005) é “a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve [...]” (Lage, 2001, p.75)

Já a entrevista dialogal é “[...] marcada com antecedência [...] Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa [...] permitem-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.” (Lage, 2001, p.77).

Nessa pesquisa utilizamos entrevistas semiestruturadas (em que há um roteiro de perguntas, mas com liberdade para se desenvolver, em profundidade, os assuntos a partir das falas dos entrevistados) e com a escolha proposital das fontes (jornalistas que trabalham nas universidades com a produção de jornalismo científico). Do ponto de vista jornalístico, elas foram temáticas (prática do jornalismo científico) e dialogais (marcadas com antecedência e realizadas como uma conversa).

O passo a passo para selecionar as universidades a serem entrevistadas consistiu em olhar os sites da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), o sistema eletrônico (e-MEC) do Ministério da Educação (MEC) e

³ Para essa pesquisa o uso da técnica de entrevista foi fundamental, no entanto, é importante reconhecer que ela pode ter falhas. Em que sentido? Como a maioria das entrevistas foram feitas por chamada de vídeo e telefone pode ser que as fontes tenham se esquecido de mencionar algum ponto ou situação importante, por exemplo.

Educabras; verificar os nomes e endereços eletrônicos das instituições; acessar página por página e identificar como essas universidades autodeclaravam as informações, principalmente as que identificavam a produção de jornalismo científico.

Levantamos os dados de 109 instituições, sendo 69 federais e 40 estaduais. Dessas, 46 (36 federais e 10 estaduais) tinham algum espaço na *home* para a pauta de ciências ou ainda uma página e/ou canais específicos (sites, podcasts, jornais, vídeos, revistas, boletins) de jornalismo científico. Em seguida, selecionamos duas universidades públicas por região (uma estadual e outra federal) e com variação de Estados⁴ para a realização das entrevistas.

Para definir quais universidades seriam contatadas para as entrevistas foi necessário um novo filtro com quatro critérios principais: (1) tem algum canal específico de jornalismo científico ou divulgação científica; (2) em caso negativo, ao menos tem a editoria de ciências nos seus produtos jornalísticos; (3) o veículo ainda existe, está ativo; (4) o conteúdo é atualizado com frequência⁴.

Assim, a lista final de universidades foram as seguintes⁵: a Universidade Federal do Pará e a Universidade do Estado do Amazonas (Norte), Universidade Federal do Sergipe e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Nordeste), Universidade de Brasília e Universidade do Estado de Mato Grosso (Centro-Oeste), Universidade Federal de Uberlândia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal de São Paulo, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Universidade Estadual de Campinas (todas do Sudeste) e Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Estadual de Londrina (Sul).

As entrevistas⁶ ocorrem em novembro e dezembro de 2022, janeiro e março de 2023 e, apesar de as perguntas serem as mesmas para todos, os entrevistados tiveram liberdade para abordar outros pontos que achassem pertinentes ao tema. Especificamente para esse artigo nos interessa saber (1) Qual a importância de a Universidade produzir seu

⁴A exceção ocorre em relação à região Sudeste que terá mais instituições porque selecionamos quatro de São Paulo e mais duas de outros estados (Rio de Janeiro e Minas Gerais). Em São Paulo temos três estaduais (Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Universidade Estadual de Campinas) e uma federal (Universidade Federal de São Paulo). Além disso, temos mais uma estadual (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e federal (Universidade Federal de Uberlândia).

⁵Ao todo, a lista de instituições selecionadas para a entrevista foram 14, mas a Universidade do Estado do Amazonas (Norte) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Nordeste) não retornaram os contatos, mesmo após inúmeras tentativas, portanto, tivemos o retorno de 12 universidades.

⁶Ao todo fizemos 14 perguntas, como por exemplo, a apresentação do entrevistado e do setor de comunicação, rotinas produtivas (pauta, seleção de fontes e periodicidade), entre outros.

próprio jornalismo científico; (2) Qual a contribuição do seu trabalho no combate à desinformação científica; (3) Se esse conteúdo jornalístico especializado em ciências pauta ou é reproduzido pela mídia local ou nacional.

3. O PROBLEMA DA DESINFORMAÇÃO CIENTÍFICA

Informações incorretas podem ser divulgadas por falta de cuidado na apuração e/ou na redação por (1) situações em que a fonte mesmo sendo confiável se engana ou (2) por intenção deliberada para manipular debates e favorecer certos grupos políticos e ideológicos que procuram mimetizar materiais jornalísticos com o objetivo de enganar massivamente a audiência (GELFERT, 2018).

A prática não é recente, mas nesse segundo caso, ficou conhecida pela expressão *fake news* que surgiu ainda no século XIX com os *penny press newspapers*, jornais e revistas de cunho popular com o objetivo único de entreter, mas que hoje é compreendida como um subgênero da desinformação.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2019, no manual para educação e treinamento em jornalismo, *Jornalismo, Fake News & Desinformação*⁷, organizado por Cherilyn Ireton e Julie Posetti admitem que o termo *fake news* não é o mais adequado, ainda mais porque prejudica a compreensão do significado real do que seja notícia.

No prefácio da obra, o diretor de Liberdade de Expressão e Desenvolvimento de Mídia da UNESCO, Guy Berger afirma: “[...] “notícias” significam informações verificáveis de interesse público e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. [...]” (Berger, 2019, p.7).

De acordo com Bimber e Gil de Zúñiga (2020), os estudos convergem em demonstrar como as “*fake news*”⁸ ganharam força com a plataforma digital e contribuíram massivamente para o processo desinformativo, sobretudo ao se adotar um discurso populista autodeclarado e marcadamente de cunho político mais conservador. Tal fenômeno está longe de ser espontâneo: as plataformas digitais favorecem a

⁷Com o título original: *Journalism, ‘Fake News’ & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training*, esse manual foi publicado em inglês no ano de 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em 1 mar. 2022.

⁸ O termo “*fake news*” é mencionado quando o (a) autor(a) opta por essa escolha. Para esta pesquisa e produção do artigo opto por seguir as orientações do Manual da Unesco, portanto, utilizo a nomenclatura desinformação e, em casos específicos, desinformação científica.

circulação de desinformação por meio de *affordances* tecnológicas (ou seja, potencial de uso para o qual tal plataforma foi projetada), que ajudam a ocultar a procedência da informação de seus usuários, facilitam possíveis enganos quanto ao real autor da mensagem (humano ou máquina) e manipulam sinais de manifestações do público.

A comunicação direta com a população é uma das formas empregadas para que o ideário autoritário prospere e mantenha o maior número de pessoas sintonizadas com os valores conservadores e até mesmo reacionários. [...] A desinformação, o medo, o discurso de ódio, o racismo, a homofobia e diversas manifestações de intolerância vêm sendo utilizadas para influenciar eleições e processos políticos através de uma lógica de engajamento que se diferencia das formas tradicionais pelo uso intenso das redes digitais para impulsionar uma dinâmica comunicacional jamais vista anteriormente. [...] (Segurado, 2021, p.53)

Para dar conta dessa complexidade, o Manual da UNESCO reforça que para além do termo “*fake news*” é preciso entender a existência de uma desordem informacional que compreende muitas nuances para esse fenômeno da desinformação, como a informação incorreta (conexão falsa; conteúdo ilusório), desinformação (conteúdo falso, manipulado), a má informação (conteúdo verdadeiro, mas usado fora de contexto), além de jornalismo ruim (mal apurado e mal produzido). Berger (2019, p.9) explica que: “[...] o jornalismo de baixa qualidade às vezes possibilita que a desinformação e a informação incorreta derivem-se ou vazem para o sistema de notícias legítimo. [...]”

Como já mencionado anteriormente, essa prática não é recente, mas, sobretudo, após o ano de 2016, os conceitos de desinformação e *fake news* passam a estar mais presentes no dia a dia devido à enorme quantidade de informações (infodemia)⁹ a que estamos expostos e aos dois escândalos envolvendo a empresa Cambridge Analytica¹⁰.

Apesar de todo o esforço em discutir conceitualmente a desinformação, além de combatê-la de forma prática por diversos autores e setores da sociedade, Chagas e Massarani (2020, p.54), acreditam que, infelizmente, há um ambiente propício para o

⁹ Infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus. (Organização Pan-Americana da Saúde, Folheto Informativo)

¹⁰ Em 2016 temos dois exemplos sobre o perigo da manipulação das informações: a campanha presidencial de Donald Trump nos Estados Unidos e o Brexit, saída do Reino Unido da União Europeia. Em ambos os casos, há um fator comum: a empresa de análise de dados Cambridge Analytica do bilionário do mercado financeiro Robert Mercer e presidida à época por Steve Bannon, principal assessor de Trump e que em 2018 tornou-se uma espécie de mentor do clã Bolsonaro. A empresa teria comprado acesso a informações pessoais de usuários do Facebook e usado esses dados para influenciar as escolhas das pessoas nesses dois casos. Para saber mais sobre o assunto, assista o Documentário *Privacidade Hackeada*, 2019, na Netflix.

problema porque “[...] ao nos depararmos com conteúdos que contradizem nossas verdades pessoais, também tendemos a descartá-los [...] com base em nossas convicções.”

Assim como cada pessoa que escreve um texto (ou produz um vídeo, um podcast, uma exposição etc.) o faz com uma intenção em mente [...] quem lê/assiste/ouve frequentemente também quer apenas respaldar seu ponto de vista, e não ser convencido/a do contrário. Portanto, ao se depararem com informações que corroboram suas convicções e instituições políticas, religiosas, científicas, as pessoas tendem a se dar por satisfeitas com o conteúdo, considerá-lo verdadeiro e, possivelmente, compartilhá-lo, ainda que não tenham, por exemplo, feito uma checagem cuidadosa dos dados, das fontes e dos argumentos utilizados - com base no raciocínio: “se me serve, é bom para mim”. (Chagas; Massarani, 2020, p.53-54)

Essa pesquisa não tem como foco principal o estudo da desinformação ou mesmo da pandemia de Covid-19, mas é impossível não reconhecer que essas questões impactaram a produção da ciência, o jornalismo e o dia a dia das universidades, portanto, é importante deixar claro que esse trabalho é atravessado por esse contexto histórico, social e econômico.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Hoje, reconhecidamente, as universidades são grandes produtoras de conhecimento científico e tecnológico e precisam trabalhar os eixos do ensino, pesquisa e extensão de forma equilibrada.

Na série *O Porquê da Universidade Pública*, veiculada em 2019 pelo *Jornal da USP no Ar*, o professor Hernan Chaimovich, do Instituto de Química (IQ), que foi pró-reitor de Pesquisa e Extensão da mesma universidade e presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) defendeu que as universidades públicas “têm uma responsabilidade única de produzir conhecimentos e fazer com que esses conhecimentos tragam benefício social, intelectual e econômico para a sociedade”.

Tendo em vista a importância da universidade como um centro gerador de ciência e tecnologia, Kunsch (1992) defende a necessidade da divulgação dessas pesquisas seja através dos meios de comunicação de grande penetração ou das próprias assessorias de imprensa das instituições.

Neste tópico recorro às vozes de 15 profissionais de comunicação das universidades já mencionadas anteriormente, sejam diretores, coordenadores, editores ou repórteres que são os responsáveis por pensar e/ou executar as práticas de jornalismo científico. São elas: Rosyane Rodrigues, coordenadora de Divulgação Científica da Assessoria de Comunicação Institucional e editora do *Jornal Beira do Rio* (Universidade Federal do Pará); Josafá Bonifácio Neto, Coordenador de Jornalismo da Rádio UFS e editor do *UFS Ciência* (Universidade Federal do Sergipe); Vanessa Vieira, editora da *Revista Darcy* e Serena Veloso, editora do *UnBNotícias* e *UnBCiência* (Universidade de Brasília); Diélen Borges, jornalista e coordenadora da Divisão de Divulgação Científica que produz o *Comunica Ciência* (Universidade Federal de Uberlândia); Walter Teixeira Lima Júnior, Diretor do Departamento de Comunicação Institucional (Universidade Federal de São Paulo); Luis Carlos Ferrari, ex-coordenador da Coordenadoria de Divulgação e Jornalismo Científico (Universidade Federal de Santa Catarina); Danielle Tavares Teixeira, jornalista da Assessoria de Gestão de Comunicação (Universidade do Estado de Mato Grosso); Pablo Nogueira, editor do *Jornal da Unesp* (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho); Álvaro Kassab, coordenador da Secretaria de Comunicação e editor chefe do *Jornal da Unicamp* (Universidade Estadual de Campinas); Luiza Caires, editora de Ciências do *Jornal da USP*, Fabiana Marisa, repórter e subeditora de Ciências do *Jornal da USP* e Pedro Ferreira da Cunha Neto, estagiário de Ciências do *Jornal da USP* (Universidade de São Paulo); Ana Cláudia Theme, diretora da Diretoria de Comunicação Social (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e William Casagrande Fusaro, editor da agência de notícias UEL, *O Perobal* (Universidade Estadual de Londrina).

Sobre a primeira questão: “Qual a importância de a Universidade produzir seu próprio jornalismo científico?” todos os profissionais reconhecem a importância da universidade, cada vez mais, falar para fora, ainda mais quando o assunto é sobre ciências.

Algumas dessas instituições, aliás, já fazem essa produção especializada desde os anos 80 como a USP, UFPA, Unesp, Unicamp. Outras como a UFS, UFU, UFSC, UnB e Uel tem uma produção mais recente, porém consistente. Já a Uerj, Unemat e Unifesp, apesar do reconhecimento por parte dos jornalistas da importância desse tipo de pauta, tem sofrido para manter uma produção constante seja devido ao corte de verbas, seja devido ao não reconhecimento da gestão sobre o papel da comunicação.

Para a jornalista Rosyane Rodrigues (2022), o *Beira do Rio*, apesar de ser um veículo institucional, tem o papel de divulgar e discutir as pesquisas da universidade, além de participar do debate público e das questões da sociedade, vistas sob os olhos da instituição, no formato jornalístico. “[...] Acho que só um veículo produzindo aqui dentro é que vai ter esse olhar, que vai ter esse interesse, já que tem uma equipe voltada só para isso.”

O jornalista Josafá Bonifácio Neto (2023) defende que esse jornalismo tem uma função social dividida em duas partes: (1) o prestar contas à sociedade sobre o investimento público que é feito; (2) a prestação de serviço e publicação de informação de qualidade, mesma visão compartilhada por Álvaro Kassab (2023): “A universidade aborda o que acontece no país e no mundo em várias vertentes, além de ocupar um papel fundamental na difusão de ideias que combatem a desinformação.”

Diélen Borges (2022) afirma que o grande compromisso dessa produção é a prestação de contas, a devolução para a sociedade sobre o que a universidade faz.

A produção do jornalismo pela universidade tem inúmeras vantagens, como à facilidade de acesso aos pesquisadores e o fato de ser um jornalismo que conhece as regras e as dinâmicas do que seria importante, do que o público precisaria saber (no sentido de estar conectado ao interesse público), sem as amarras da busca por cliques e patrocinadores.

Luis Carlos Ferrari (2023), Pablo Nogueira (2023), Luiza Caires (2022) enxergam o jornalismo científico feito pelas universidades como uma potência enorme porque é uma prática mais livre, ou seja, não precisam trabalhar com o mesmo ritmo da grande imprensa em relação a falta de tempo em aprofundar em um tema/assunto, sem contar o acesso mais direto ao pesquisador.

Caires (2022) acredita que: “[...] A grande mídia não vai dar atenção para uma pauta de pesquisa se tem algo rolando em política ou internacional. [...] O jornalismo de ciências feito dentro da universidade é essencial e dá para fazer com muita qualidade”.

William Fusaro (2023) reconhece que a importância é tremenda, ainda mais quando olha para a região em que a Uel está situada. “Sem uma produção local do que é feito na universidade, em qualquer âmbito, nós ficaríamos reféns da produção focada na capital, Curitiba, o que invariavelmente rebaixaria a qualidade do jornalismo científico no Estado.”

Sobre o questionamento: “Qual a contribuição desse trabalho no combate à desinformação científica?”, a unanimidade das respostas está em dizer que “a universidade é uma fonte de informação boa e confiável”.

A subeditora e repórter de Ciências do *Jornal da USP*, Fabiana Marisa (2022) relembra que durante a Covid-19 houve muita pressão externa e interna para combater a desinformação com informação de qualidade. “A gente trabalhou incansavelmente para mostrar para a sociedade o que a universidade estava fazendo naquele momento. Quanto mais informação a gente puder passar, mais efetivo seremos nesse combate”.

É o mesmo ponto de vista de Danielle Tavares Teixeira (2023) que ainda acrescentou o fato de a equipe “estudar junto” dos pesquisadores e ter um cuidado redobrado em produzir informações com base científica, mesmo que na semana seguinte tudo mudasse. Como exemplo, podemos citar o projeto “Sem Fake, Só Fato”.

A gente pegava uma fake ligada a Covid e colocava o fato, circulava informações atualizada, o que nos aproximou da comunidade científica, da sociedade, mas agora é um projeto que está na gaveta. Ele podia continuar e ser levado para outras áreas e, assim, informar melhor porque sempre estão circulando *fake news*.

Já a Uerj criou um hot site chamado *Coronavírus*, no qual eram concentradas todas as notícias e produções das unidades com essa temática. Ao ir além das notícias publicadas no portal num momento de desinformação, de muita dúvida e medo, Ana Cláudia Theme (2023) comenta que a “universidade é reconhecida como fonte de informação confiável e os nossos pesquisadores, cientistas foram chamados a falar na imprensa.”

Considerando que todos corroboraram que a produção feita na universidade tem mais tempo e não se vê refém da cobrança do mercado, dos *page views* ou mesmo a caça por cliques, surgiu a terceira questão: “Esse conteúdo jornalístico especializado em ciências pauta ou é reproduzido pela mídia local ou nacional?”.

Mais uma vez, a resposta de todos é sim. Há o copia e cola sem dar o crédito, o copia e cola com pequenas alterações, mas com crédito e uma terceira via muito interessante para as universidades: a partir da publicação da reportagem, seja em texto, vídeo ou áudio, a grande imprensa procura as instituições, se mostra interessada naquele tema e pede ajuda para falar com os pesquisadores, ou seja, produz a sua própria reportagem, mas só depois da publicação original. “Tem muita coisa que sai em outros veículos sem dar o crédito. Ok, a gente podia reclamar, mas ao mesmo tempo

reconhecemos que com isso a pesquisa, a universidade sai em outros lugares, ganha visibilidade.” (NOGUEIRA, 2023)

William Fusaro (2023) entende que esse tipo de ação se dá muito mais na conta das condições de trabalho das grandes redações, da falta de profissionais especializados, assim como Josafá Neto (2023).

[...] Quando eu termino a reportagem já faço um release com esse material e mando como sugestão de pauta para a imprensa, mas só após a nossa publicação. [...] Eu diria que a principal inserção da universidade na mídia é por causa do nosso material de divulgação científica, sobretudo nas televisões. As equipes no Estado não pequenas e não tem como mandar profissional fazer a cobertura nos campi do interior, então eles usam nossa sonora, nossos vídeos e até partes desse release.

No final das contas, ao pesar os prós e contras, os profissionais não se queixam dessa cópia e/ou reprodução, muito pelo contrário. Seja dando o crédito ou não, essa ação dá visibilidade para a universidade, as pesquisas e seus pesquisadores e reconhece a qualidade do jornalismo científico produzido dentro dessas instituições.

CONSIDERAÇÕES

Por muitos anos a universidade esteve fechada em si mesma, transformada em uma espécie de ilha de reclusão, sem uma consciência clara de que precisava dar atenção as necessidades prioritárias e aos anseios da sociedade (KUNSCH, 1992), o que, é claro também se refletiu na maneira como se comunicava.

Bueno (2018), por exemplo, ao realizar pesquisa em quatro sites de universidades (uma federal, uma estadual e duas particulares) demonstrou que a pesquisa científica foi a menos presente nessas páginas. “No portal das universidades, com raras exceções, a divulgação da pesquisa não é prioridade e é razoável admitir que o ensino e a extensão têm recebido maior atenção do que os resultados da investigação. [...]” (Bueno, 2018, p. 58)

No entanto, conforme levantamento feito para o desenvolvimento desse artigo essa consciência tem crescido. A partir da autodeclaração em seus sites, das 109 universidades públicas (federais e estaduais) temos 46 instituições com essa produção, sendo 36 federais e 10 estaduais.

Mesmo que não tenhamos 100% de instituições com a prática de jornalismo científico, há sim um número que precisa ser celebrado ainda mais considerando o corte

de verbas e o desprestígio que as universidades tiveram a partir de 2018 por parte do governo federal anterior e por parcelas da sociedade.

A ideia levantada na introdução desse artigo de que a ciência é uma pauta encontrada no jornalismo realizado nas universidades públicas se confirma e, conforme, a fala dos entrevistados isso se dá: (1) porque é uma maneira da universidade prestar contas à sociedade e (2) porque permite a ampliação do acesso à informação científica de qualidade, já que, mesmo com problemas estruturais, essa produção interna tem mais cuidado e atenção em sua prática quando comparada com a grande mídia.

Aliás, a partir dessas respostas conseguimos identificar que, para esses profissionais, ao produzir jornalismo científico automaticamente estão contribuindo para o combate a desinformação científica e, conseqüentemente, acabam pautando a grande mídia que só passa a procurar a universidade – muitas vezes – após a publicação desse conteúdo, seja para produzir sua própria pauta ou simplesmente copiar e colar o material.

Também ressaltamos que há pontos que precisam ser melhorados como, por exemplo, a organização dos sites. Destaca-se que nem todas as instituições separam – em sua página principal – o que é institucional e o que é jornalismo científico e/ou divulgação científica, o que dificulta a identificação e o acesso desse conteúdo, ainda mais quando essas páginas têm designs confusos (clique em várias páginas, ícones ou *links*).

Quanto mais difícil é para o público acessar o conteúdo, mesmo que esteja interessado, mais fácil será desistir de procurá-lo ou ainda buscá-lo em um canal não tão confiável, o que o deixa mais vulnerável à desinformação científica.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. **Procedimentos e instrumentos de coleta de dados**. In: ALVES-MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências sociais e naturais**. São Paulo: Thomson, 2001.

BERGER, Guy. **Prefácio**. In: POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2019.

BIMBER, B.; GIL DE ZÚÑIGA, H. *The unedited public sphere*. **New Media & Society**, 2020, 22 (4), p. 700-715. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1461444819893980>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BORGES, Diélen Borges. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 20 dez. 2022.

BUENO, W.C. **Jornalismo científico**: conceito e funções. **Ciência e Cultura**, São Bernardo do Campo, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985.

_____. **A divulgação científica no universo digital**: o protagonismo dos portais, blogs e mídias sociais. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K. E., and ROSA F., eds. **Produção e difusão de ciência na cibercultura**: narrativas em múltiplos olhares [online]. Ilhéus: Editus, 2018, pp. 55-67

_____. *Comunicação científica e divulgação científica*: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**. Londrina, v.15, n. 1, especial, 2010, p.1-12. Disponível em: <[10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1)>. Acesso em: 12 jun. 2021.

_____. **Jornalismo Científico: teoria, prática e pesquisa**. São Paulo: JORCOM/Contexto Comunicação e Pesquisa, 2022.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAIRES, Luiza. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 07 nov. 2022.

CHAGAS, Catarina; MASSARANI, Luisa. **Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

CHAIMOVICH, Hernan. **O Porquê da Universidade Pública**. São Paulo: Jornal da USP no Ar, rádio USP, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/universidade-publica-tem-papel-social-intelectual-e-economico/>. Acesso em: 24 jul.2023.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRARI, Luis Carlos Ferrari. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 12 jan. 2023.

FUSARO, William Casagrande Fusaro. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 10 jan. 2023.

GELFERT, A. *Fake news*: a definition. **Informal Logic**, 2018,38 (1), p. 84-117. Disponível em: <https://informallogic.ca/index.php/informal_logic/article/view/5068/4350>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação**: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2019.

JÚNIOR, Walter Teixeira Lima. **A produção do jornalismo científico na universidade**. [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 20 jan. 2023.

KASSAB, Álvaro Kassab. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 01 mar. 2023.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo:** o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2004.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade.** SP: Ed. Loyola, 1992.

LAGE, N. **A reportagem – Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** São Paulo: Record, 2001.

MARISA, Fabiana Marisa. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 07 nov. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação:** projetos, ideias, práticas. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

NETO, Josafá Bonifácio. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 13 jan. 2023.

NOGUEIRA, Pablo. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 10 jan. 2023.

RODRIGUES, Rosyane. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 21 dez. 2022.

SEGURADO, Rosemary. **Desinformação e Democracia:** A guerra contra as fake News na internet. São Paulo: Hedra, 2021.

SMAILI, Soraya; MINHOTO, Maria Angélica; ARANTES, Pedro. **Todo filme de desastre começa com cientistas sendo ignorados (as). Mais uma vez o governo Bolsonaro ataca cientistas e busca a catástrofe.** *Folha de S. Paulo*, SoU_Ciência, São Paulo, 9 dez 2022. Disponível em: <<<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/sou-ciencia/2022/12/todo-filme-de-desastre-comeca-com-cientistas-sendo-ignoradosas.shtml>>>. Acesso em: 13 dez 2022.

TEIXEIRA, Danielle Tavares. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 17 jan. 2023.

THEME, Ana Cláudia. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 30 jan. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1980.

VELOSO, Serena. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 22 dez. 2022.

VIEIRA, Vanessa. **A produção do jornalismo científico na universidade.** [Entrevista concedida a] Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo, 17 jan. 2023.